

“COMO CAÍRAM OS VALENTES”: UMA INTRODUÇÃO AO GÊNERO
QINAH

“HOW ARE THE MIGHTY FALLEN”: AN INTRODUCTION TO THE GENRE
QINAH

Jayme Alves Moreira¹

RESUMO

A partir das passagens de 2 Samuel 1:17-27 e 3:32-34, este artigo propõe uma investigação do gênero *qîn h²* (“elegia”) no interior da Bíblia Hebraica, identificando os principais traços desse gênero e comparando-o a gêneros próximos. O objetivo é compreender a função social desse gênero nos tempos bíblicos de forma a descobrir possíveis razões para a sua reduzida presença na Bíblia Hebraica. Finalmente, vai se constatar de que modo essas passagens tornam evidentes certos traços do personagem Davi, ao qual são atribuídos os textos, o que enriquecerá o entendimento dos relatos, contidos no livro de Samuel, que contam a sua ascensão ao trono e o seu reinado.

Palavras-chave: qinah, poesia bíblica, Davi, Saul, elegia, lamentação, livro de Samuel.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do DLO-FFLCH-USP.

jayme.alves10@gmail.com

² Todas as transliterações do hebraico foram retiradas do site <www.biblos.com>. Acesso em: 15/12/2011 às 17h.

ABSTRACT

Based on the passages in 2 Samuel 1:17-27 and 3:32-34, this paper proposes an investigation of the genre *qîn h* ("elegy") within the Hebrew Bible, identifying the main features of it and comparing it to near genres. The goal is to understand the social function of this genre in biblical times in order to discover possible reasons for their reduced presence in the Hebrew Bible. Finally, will see how these passages make clear certain traits of character David, which are assigned texts, which will enrich the understanding of the reports contained in the book of Samuel, who tell his accession to the throne and his reign.

Keywords: qinah, biblical poetry, Davi, Saul, elegy, lamentation, book of Samuel.

Na paisagem poética da Bíblia Hebraica, o lamento de Davi em 2 Sm 1:17-27 abriga um tema singular: o lamento pelos mortos. Quando o luto apaga a voz, a poesia a reacende. Eis a passagem³:

Pranteou Davi a Saul e a Jônatas, seu filho, com esta lamentação,

determinando que fosse ensinado aos filhos de Judá o Hino ao Arco, o qual está escrito no Livro dos Justos.

A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos! Como caíram os valentes!

Não o noticieis em Gate, nem o publiqueis nas ruas de Asquelom, para que não se alegrem as filhas dos filisteus, nem saltem de contentamento as filhas dos incircuncisos.

Montes de Gilboa, não caia sobre vós nem orvalho, nem chuva, nem haja aí campos que produzam ofertas, pois neles foi profanado o escudo dos valentes, o escudo de Saul, que jamais será ungido com óleo.

³ Todos os textos bíblicos são extraídos da *Bíblia Sagrada*. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

Sem sangue dos feridos, sem gordura dos valentes, nunca se recolheu o arco de Jônatas, nem voltou vazia a espada de Saul.

Saul e Jônatas, queridos e amáveis, tanto na vida como na morte não se separaram! Eram mais ligeiros do que as águias, mais fortes do que os leões.

Vós, filhas de Israel, chorai por Saul, que vos vestia de rica escarlata, que vos punha sobre os vestidos adornos de ouro.

Como caíram os valentes no meio da peleja! Jônatas sobre os montes foi morto!

Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; tu eras amabilíssimo para comigo! Excepcional era o teu amor, ultrapassando o amor de mulheres.

Como caíram os valentes, e pereceram as armas de guerra!

A singularidade do poema, já sugerida pela escassa presença de sua temática na Bíblia Hebraica⁴, é mais evidente para quem lê o texto em hebraico, pois a palavra traduzida como “lamentação” é *qîn h*, depositando-o, portanto, num gênero específico.

Apesar de o redator ter destacado o gênero do lamento de Davi em 2 Sm 1:17-27, muitos comentaristas da passagem não consideram essa informação digna de exame. McCarter, por exemplo, ao analisar o poema, investiga profundamente uma série de questões linguísticas. Contudo, sequer menciona o gênero⁵. Aliás, o termo *qîn h* também não aparece como verbete no *Anchor Bible Dictionary*⁶, uma importante obra de referência nos estudos bíblicos, o que sugere a reduzida atenção concedida a esse gênero pelos acadêmicos dedicados à Bíblia Hebraica.

⁴ Para o leitor familiarizado com a tradição literária ocidental, é fácil associá-lo à elegia, de modo que, em seus comentários, vários acadêmicos (Anderson, Fleischer, Kyle McCarter) referem-se ao poema e ao gênero usando termos como “elegia” e “elegíaco”.

⁵ MAcCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984.

⁶ FREEDMAN, David Noel (org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

A discreta presença da *qîn h* nos estudos bíblicos provavelmente corresponde à sua discreta presença na própria Bíblia. De acordo com Fleischer, o substantivo ocorre dezessete vezes e a forma verbal oito, no texto da Bíblia Hebraica. A distribuição do termo é desigual, pois se concentra nos livros proféticos (Amós, Jeremias, Ezequiel), tanto que ele surge em apenas três passagens dos livros históricos (2 Sm 1:17, 3:33 e 2 Cr 35:25)⁷.

Na *Jewish Encyclopedia*, o verbete “*qîn h*” traz a seguinte definição⁸: “lamentação cantada em homenagem aos mortos”⁹. Consultando outras obras de referência, é possível colher os seguintes significados: “elegia”¹⁰, “canto fúnebre”¹¹ e “poema expressando luto, dor e tristeza”¹². Anderson, ao comentar a passagem de 2 Sm 1, declara: “o termo hebraico *qîn h* é um lamento funerário ou canto fúnebre e, como tal, é diferente dos numerosos lamentos encontrados no Saltério”¹³. Cabem aqui duas distinções importantes. A primeira, como aponta Anderson, deve ser feita entre a *qîn h* e os lamentos presentes no livro de Salmos (no qual não aparece qualquer referência à *qîn h*):

Claus Westermann (...) delineou bem as principais diferenças entre os dois gêneros literários. O canto fúnebre ou lamento funerário (Totenklage) lida com o próprio fato da morte e dos mortos, e é essencialmente retrospectivo. Frequentemente dirige-se aos mortos na segunda pessoa e não há menção a Deus (...). Retrata a situação desoladora e convoca os ouvintes à lamentação. O lamento comum ou angustiado (Notklage) é,

⁷ FLEISCHER, G. . In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (ed.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 19.

⁸ Exceto quando indicado, todas as citações provenientes de textos estrangeiros são traduções do autor desse trabalho.

⁹ Kinah. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah>>, acesso em: 28/11/2011.

¹⁰ BROWN, Francis, DRIVER, Samuel R. e BRIGGS, Charles A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.

¹¹ HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

¹² HABERMANN, Abraham Meir. Kinah. In: SKOLNIK, Fred (ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Farmington Hills (MI): Thomson Gale, 2007, v. XII, p.160.

¹³ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 13.

por outro lado, prospectivo e, basicamente, uma súplica a Deus (...).¹⁴

Portanto, a *qîn h* é um lamento sem súplica, sem apelo a Deus. É o que resta nos lábios tocados pela sombra da morte. Nenhuma nota de esperança mora na voz em que ela soa, pois não mais existe a luta pela mudança, só o luto pelo imutável. Em terra onde os mortos são semeados, toda súplica murcha e só o lamento brota. Na *qîn h*, as palavras seguem as lágrimas e correm para o chão em vez de subir para o céu.

Segundo Anderson, o *Sitz-im-Leben*, isto é, o contexto vital da *qîn h* era o lugar do velório ou a procissão fúnebre¹⁵. Há indicações de que elas eram interpretadas por mulheres (cf. Jr 9:17-20): “Entre os hebreus, como em muitas terras semitas hoje, a *kinah* era cantada por carpideiras profissionais (...)”¹⁶. Passagens como Am 8:10 e 2 Cr 35:25 fortalecem a hipótese de que a *qîn h* seria cantada, embora pouco se saiba sobre a música que a emoldurava¹⁷. Outras características importantes do gênero são a presença de *'ê* e *'ê h* (“como”) na introdução, marcando o espanto diante de tamanha desgraça, o uso da apóstrofe, através da qual os ausentes são convocados para o poema, e o aproveitamento do contraste entre a condição passada e a presente¹⁸, o que dá contornos mais nítidos à desolação atual.

A segunda distinção deve ser feita entre a *qîn h* pessoal e a *qîn h* profética ou nacional: “Da *inah* individual ou pessoal deve ser distinguida a *kinah* nacional ou geral, cujo tema é a desgraça de toda a nação ou de uma

¹⁴ Id., p. 13

¹⁵ Ibid., p. 13

¹⁶ *Kinah*. *Jewish Encyclopedia*, disponível em:

<<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah>>, acesso em: 28/11/2011.

¹⁷ FLEISCHER, G. In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 18.

¹⁸ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14 e 15.

única comunidade”¹⁹. A *qîn h* pessoal, cujo exemplo é o lamento de Davi por Saul e Jônatas, é uma expressão do pesar do indivíduo pela morte de alguém querido. A *qîn h* profética, também chamada de coletiva ou política, é o lamento pelo destino trágico de povos e cidades (às vezes cristalizados na figura dos seus líderes), o qual, embora ainda fosse ocorrer, era descrito e lastimado pelo profeta como se já tivesse ocorrido²⁰. Esse uso figurativo da *qîn h* só aparece nos livros proféticos, seja como anúncios de futuros desastres (cf. Am 5, Ez 19:1-14, 27:1-36, 28:11-19 e 32:1-16), como chamados à lamentação por causa deles (cf. Jr 7:29, 9:10 e 16-21) ou como vaticínios de que os lamentos se tornariam abundantes (cf. Am 8:10 e Ez 26:15-18)²¹. Os profetas teriam se apropriado de um gênero popular, retirando-o da esfera secular e trazendo-o para a teológica, possivelmente com o intuito de ampliar o impacto da sua mensagem. Eles promovem uma passagem da tragédia pessoal para a coletiva, do lamento pela morte localizada para o lamento pela morte generalizada, o que dá ao luto, antes particular, uma dimensão universal. Embora mereça um exame profundo, essa mutação da *qîn h* nos escritos proféticos não será objeto de investigação neste artigo, que ficará limitado ao estudo da *qîn h* pessoal.

Somente dois exemplares de *qîn h* pessoal foram preservados no texto bíblico, ambos registrados no mesmo livro: 2 Sm 1:17-27 e 3:32 -34. Eis o texto da segunda passagem:

Sepultaram Abner em Hebrom; o rei levantou a voz e chorou junto da sepultura de Abner; chorou também todo o povo.

E o rei, pranteando a Abner, disse: Teria de morrer Abner como se fora um perverso?

¹⁹ Kinah. *Jewish Encyclopedia*, disponível em: <<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah>>, acesso em: 28/11/2011.

²⁰ ANDERSON, Arnold A. 2 *Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14.

²¹ FLEISCHER, G. . In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 22.

As tuas mãos não estavam atadas, nem os teus pés, carregados de grilhões; caíste como os que caem diante dos filhos da maldade! E todo o povo chorou muito mais por ele.²²

Se a recitação das *qîn* era uma prática comum nas cerimônias fúnebres, surgem duas questões relevantes para a pesquisa: por que nenhuma outra *qîn h* foi transcrita na Bíblia Hebraica e por que essas duas tiveram tal privilégio? A resposta à primeira pode residir no caráter eminentemente secular do gênero, no qual não aparecem referências a Deus ou à religião. Também existe a chance de que a restrição venha da possibilidade de que a *qîn h*, tendo sido inspirada em gêneros similares na cultura do Antigo Oriente Médio, guardasse alguma ligação com o culto aos mortos, cuja prática não era permitida em Israel já que o povo adorava ao Deus da vida, apartado da esfera da morte²³. Anderson, no entanto, aponta o divórcio entre o lamento funerário praticado em Israel e o culto aos mortos:

O lamento funerário pode ter sido originalmente parte do culto aos mortos (...) mas no cenário israelita não havia, aparentemente, tal culto, e portanto o canto fúnebre pode ter sido uma relíquia modificada de antigos rituais de luto e pode ter servido, entre outras coisas, como um elogio aos mortos e como uma expressão de pesar.²⁴

Com relação aos motivos que levaram à transcrição das duas *qîn* presentes no início de 2 Samuel, pode-se lembrar que ambas são atribuídas a uma figura notável: Davi²⁵. Logo, a autoria davídica seria uma espécie de selo

²² Este o único trecho bíblico em que se contempla uma *qîn h* emergindo no seu *Sitz-im-Leben*, no seu contexto vital.

²³ FLEISCHER, G. . In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 19.

²⁴ ANDERSON, Arnold A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 14.

²⁵ Não deixa de ser admirável ler duas composições de Davi, a quem são atribuídos inúmeros textos religiosos, nas quais não aparece qualquer menção a Deus.

que eliminaria qualquer tipo de desconfiança suscitada pelo gênero. Além de ser obra de um autor ilustre, outra característica de que elas compartilham é o fato de serem dedicadas a lamentar a falta e celebrar os feitos de personagens ilustres (Saul, Jônatas e Abner²⁶) que morreram de forma trágica em meio a conflitos militares (cf. 1 Sm 31, 2 Sm 1 e 3). São *qîn* inspiradas pela queda dos *gibb rîm* (“valentes”). Aliás, o verbo de radical *n.p.l* (“cair”) é fundamental nos dois poemas. Esses homens extraordinários²⁷ tiveram uma morte inglória e a *qîn h*, ao mesmo tempo em que manifesta o pesar gerado por isso, resgata a grandeza que a morte sequestrou deles, oferecendo-lhes um generoso tributo poético no qual seus esplendores são cantados e suas sombras são caladas²⁸. É interessante observar que a terceira e última referência a *qîn* nos livros históricos (2 Cr 35:25) também as relaciona ao lamento por um personagem ilustre que foi morto em batalha, o rei Josias:

Jeremias compôs uma lamentação sobre Josias; e todos os cantores e cantoras, nas suas lamentações, se têm referido a Josias, até ao dia de hoje; porque as deram por prática em Israel, e estão escritas no Livro de Lamentações.

Essa similaridade no contexto em que surgem as *qîn* registradas nos livros históricos não passou despercebida por Fleischer:

Nós também ouvimos falar de lamentos por um rei que tombou em batalha em 2 Cr 35:25. Esse verso confirma a tendência (já notada em 2 Sm 1:19) das *qîn* t se concentrarem em indivíduos extraordinários quando assumem a forma escrita.²⁹

²⁶ O comandante das forças leais a Isbosete, o filho sobrevivente de Saul e rival de Davi na disputa pelo trono.

²⁷ Em 2 Sm 3:38, Davi, referindo-se ao assassinato de Abner, indaga se os seus servos não sabem que naquele dia um príncipe e um grande homem havia caído em Israel.

²⁸ ANDERSON, Arnold A. 2 *Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989, p. 20.

²⁹ FLEISCHER, G. . In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (org.). Theological Dictionary Of The Old Testament. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004, v. XIII, p. 21.

Considerando tudo o que foi exposto, mais do que visar ao estudo do gênero *qîn h* (o qual, obviamente, será abordado), pretende-se investigar, nesta pesquisa, as duas *qîn* de Davi registradas na Bíblia Hebraica. Esse objetivo demanda, por um lado, a análise minuciosa do processo de composição desses poemas e, por outro, um entendimento do espaço narrativo em que eles aparecem. Tão importante quanto desvendar o modo como Davi compõe as *qîn* é desvendar o modo como as *qîn* compõem Davi, seu personagem e sua história.

Os comentaristas dos livros de Samuel destacam o teor político da narrativa, cujo principal propósito seria legitimar a ascensão de Davi ao trono, inocentando-o de qualquer suspeita oriunda dos eventos que levaram à sua coroação. O primeiro e o terceiro capítulos de 2 Samuel cumpriram uma função decisiva nesse processo, isentando o futuro rei de participação ou interesse na morte de Saul e Jônatas e no assassinato de Abner (que foi cometido por Joabe, o comandante das forças leais a Davi)³⁰. 2 Sm 1 explica como as insígnias reais chegaram às mãos de Davi, sublinha o seu sofrimento com a notícia da morte do rei e do filho dele e expõe a sua indignação com o pretense assassino de Saul, a qual o leva a condená-lo à morte³¹. O trabalho de absolvição de Davi é mais explícito em 2 Sm 3, de tal forma que a narrativa é cuidadosamente tecida para dissolver toda desconfiança sobre o envolvimento do rei no assassinato³².

A partir dessa visão, não seria difícil compreender as *qîn* de Davi como peças importantes no cumprimento de uma agenda política. A primeira reafirmaria a sua inabalável lealdade ao rei de Israel, reconciliando-o com a casa

³⁰ Vale notar que esses episódios não são reproduzidos no relato de Crônicas.

³¹ MAcCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984, p. 64 e 65.

³² Id., p. 120-122.

de Saul, e a segunda acentuaria a sua inocência na morte de Abner, tão pérfida que arranca o choro dos seus olhos e o lamento da sua garganta. Tal entendimento também ajuda a decifrar a tensão que percorre os lamentos de Davi, os quais, apesar de expressar uma dor privada, ganham uma expressão pública, pois afinal ele diz que a *qîn h* dedicada a Saul e Jônatas deve ser ensinada aos filhos de Judá (v. 18) e declama a *qîn h* dedicada a Abner perante todo o povo ao longo do cortejo fúnebre. É como se o pranto de Davi precisasse fluir até o povo.

Embora esse componente político não possa ser desprezado, não seria válido reduzir as *qîn* a meros artifícios no processo de legitimação do rei. É evidente, por exemplo, o tom passional de Davi ao se dirigir a Jônatas na conclusão do poema (v. 26, o único trecho composto em primeira pessoa) e, se a intenção fosse unicamente política, tamanho *pathos* seria dispensável. De fato, as *qîn* oferecem um ângulo privilegiado para examinar um traço marcante na trajetória de Davi: o seu constante desnudamento. Ao contrário de tantos personagens bíblicos envoltos numa discrição inabalável, há vários episódios na vida de Davi em que ele expõe a sua intimidade. Qual o sentido dessa atitude? De que forma ela molda a persona de Davi?

Em seu ensaio sobre os livros de Samuel, Rosenberg sublinha o entrelaçamento dos fios pessoal e histórico na costura da narrativa:

A história da ascensão e reinado de Davi é política e histórica, bem como pessoal ou doméstica. O que é interessante é o modo pelo qual a vida pessoal de Davi é trazida ao contexto maior, além de mudanças na proporção entre história pessoal e história política. (...) Esse desenvolvimento [de Davi] (...) deve ser entendido nos planos pessoal e político; considerar um à custa do outro é compreender erroneamente a perspectiva única do trabalho.³³

³³ ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank (org.). *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997, p. 146.

Estudar as *qîn* de Davi implica reconhecer essa complexa trama de histórias particulares e história geral e, ao mesmo tempo, descortina a possibilidade de conhecê-la melhor, pois os poemas coroam momentos em que os dois fios parecem especialmente entrelaçados.

Finalmente, além de suscitar questões literárias, psicológicas e políticas, a *qîn h* é uma admirável plataforma para contemplar o imemorial duelo entre o homem e a morte, quando a poesia se torna a possibilidade de não calar perante o fim - a palavra que sobrevive à morte. Se a morte anoitecia a voz, a *qîn h* era o amanhecer que lhe restava. Os valentes caíram, mas a voz se levantou.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, ARNOLD A. *2 Samuel*. Word Biblical Commentary, v. 11. Dallas: Word Books, 1989.

Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

BROWN, Francis, DRIVER, Samuel R. e BRIGGS, Charles A. *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*. Peabody: Hendrickson Publishers, 1996.

FLEISCHER, G. . In: BOTTERWECK, G. Johannes, RINGRENN, Helmer e FABRY, Heinz-Josef (eds.). Vol. XIII. *Theological Dictionary Of The Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004.

FREEDMAN, David Noel (org.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992.

HABERMANN, Abraham Meir. Kinah. In: SKOLNIK, Fred (ed.). *Encyclopaedia Judaica*. Farmington Hills (MI): Thomson Gale, 2007, v. XII.

HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010.

Kinah. *Jewish Encyclopedia*. Disponível em:

<http://www.jewishencyclopedia.com/articles/9322-kinah>, acesso em: 28/11/2011.

MACCARTER, Peter Kyle. *II Samuel: a new translation with introduction and commentary*. The Anchor Bible, v. 9. New York: Doubleday, 1984.

ROSENBERG, Joel. I e II Samuel. In: ALTER, Robert e KERMODE, Frank (org.). *Guia Literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.